



e-ISSN 2446-8118

149

USO DE MEDICAMENTOS EM CRIANÇAS SEM PRESCRIÇÃO MÉDICA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

MEDICATION USE AMONG CHILDREN WITHOUT A DOCTOR'S PRESCRIPTION: A LITERATURE REVIEW

USO DE MEDICAMENTOS EN NIÑOS SIN PRESCRIPCIÓN MÉDICA: UNA REVISIÓN DE LITERATURA

Roberta Soldatelli Pagno Paim¹
Ana Claudia Muller²

RESUMO

O uso de medicamentos sem prescrição médica em crianças é uma prática comum e frequentemente ocorre sem a orientação de um profissional da área da saúde. Devido às diferenças farmacocinéticas entre adultos e crianças, estas estão mais suscetíveis aos efeitos adversos dos medicamentos. Além disso, devido às questões éticas, legais e econômicas, o conhecimento acerca dos efeitos dos medicamentos nesta faixa etária é escasso e limitado. Dessa forma, tendo em vista que a automedicação é considerada um problema de saúde pública, este trabalho tem como objetivo analisar as publicações científicas acerca do uso de medicamentos em crianças, sem prescrição médica. Pretende-se contribuir para a produção do conhecimento em relação ao tema, a fim de informar os profissionais da área da saúde sobre os riscos do uso inadequado de medicamentos em crianças. **Materiais e métodos:** Trata-se de uma revisão de literatura, de cunho qualitativo, visando o estudo e análise de artigos científicos publicados entre os anos de 2000 a 2015. A busca de artigos ocorreu na base de dados Scielo tendo como palavras-chave: uso de medicamentos; crianças; automedicação. **Resultados:** Observou-se que o uso de medicamentos em crianças sem prescrição médica tem, na maioria dos casos, como objetivo aliviar sintomas iniciais como febre e dores leves, porém, esta prática pode acarretar em graves consequências, principalmente as intoxicações. **Conclusão:** É de extrema importância a criação de estratégias de promoção da saúde, que tenham como objetivo orientar e educar a população sobre o uso consciente de medicamentos.

DESCRITORES: Uso de Medicamentos; Crianças; Automedicação.

ABSTRACT

Having children take over-the-counter medications is a common practice and often happens with no guidance of a health care professional. Due to pharmacokinetic differences between adults and children, kids are more susceptible to adverse drug reactions. Besides, because of ethical, legal and economic issues, knowledge about the effects of drugs in this age group is scarce and limited. Thus,

¹ Faculdade da Serra Gaúcha.

² Faculdade da Serra Gaúcha.

given that self-medication is considered a public health problem, this paper aims to analyze scientific literature about medication use among children without a doctor's prescription. This work also intends to contribute to the production of knowledge regarding the subject in order to inform health care professionals about the risks of drug misuse among children. **Materials and methods:** This paper is a qualitative literature review that aims to study and analyze papers published between the years 2000 and 2015. The papers were searched in the Scielo database through the following keywords: medication use; children; self-medication. **Results:** It was observed that medicine use among children without a doctor's prescription, in most cases, intends to alleviate early symptoms such as fever and minor pain; however, this practice can lead to serious consequences, especially poisoning. **Conclusion:** It is very important to create health promotion strategies to guide and educate the population about responsible medication use.

DESCRIPTORS: Medication Use; Children; Self-medication.

RESUMEN

El uso de remedios sin prescripción médica en niños es una práctica común y frecuentemente ocurre sin la orientación de un profesional del área de salud. Debido a las diferencias farmacocinéticas entre adultos y niños, estos son más susceptibles a los efectos adversos de los remedios. Además de eso, debido a cuestiones éticas, legales y económicas, el conocimiento sobre los efectos de los remedios en esta faja etaria es escaso y limitado. Por eso, considerando que la automedicación es considerada un problema de salud pública, este trabajo tiene como objetivo analizar las publicaciones científicas sobre el uso de los remedios en niños, sin prescripción médica. Se pretende contribuir para la producción del conocimiento sobre dicha temática, con el fin de informar a los profesionales del área de la salud sobre los riesgos del uso inadecuado de medicamentos en niños. **Materiales y métodos:** se trata de una revisión de literatura, de cuño cualitativo, que objetiva el estudio y análisis de artículos científicos publicados entre los años 2000 a 2015. La búsqueda de artículos ocurrió en la base de datos Scielo teniendo como palabras-clave: uso de remedios; niños, automedicación. **Resultados:** se ha observado que el uso de remedios en niños, sin prescripción médica tiene en la mayoría de los casos como objetivo aliviar los síntomas iniciales como fiebre y dolores suaves, pero, esta práctica puede acarrear graves consecuencias, principalmente las intoxicaciones. **Conclusión:** es de extrema importancia la creación de estrategias de promoción de la salud, que tengan como objetivo orientar y educar a la población sobre el uso consciente de medicamentos.

DESCRIPTORES: Uso de Remedios; Niños; Automedicación.

INTRODUÇÃO

A utilização de medicamentos é descrita pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como comercialização, distribuição, prescrição e uso de medicamentos em uma sociedade, com ênfase nas consequências médicas, sociais e econômicas¹. Com as constantes descobertas na área da saúde, o mercado farmacêutico oferece novidades terapêuticas, e os medicamentos já existentes ganham novas indicações de uso, o que contribui ao uso não racional dos medicamentos.

Os principais usuários dos serviços de saúde nos países em desenvolvimento são as crianças, e o seu padrão de adoecimento se reflete no consumo de medicamentos. Tal consumo, por sua vez, pode ser excessivo por automedicação, uma prática muito difundida no Brasil, induzida pela mídia e realizada sem a indicação e a receita médica. No Brasil, cerca de 80 milhões de pessoas são adeptas da automedicação e o risco dessa prática está correlacionado com o grau de instrução e informação sobre os medicamentos, bem como com a acessibilidade dos mesmos ao sistema de saúde².

A automedicação consiste no uso de medicamentos sem prescrição médica, a fim de aliviar sintomas iniciais. Destaca-se, ainda, que esta prática é influenciada por amigos, familiares e balconistas de farmácia³. Para consumir cada vez mais os medicamentos existentes no mercado, a população sofre pressão de diferentes setores, como a indústria farmacêutica, as agências de publicidade e as empresas de comunicação, o que leva a um excesso no consumo, e conseqüentemente um aumento no número de intoxicações e efeitos adversos dos fármacos, por não terem sido usados somente quando prescritos por um profissional habilitado e sim na prática da automedicação⁴.

Tal fenômeno tem implicação importante para crianças, nas quais o cuidado é exercido por seus responsáveis e as motivações para a automedicação em crianças estão muitas vezes relacionadas à busca de alívio de sintomas básicos, como resfriado, febre e dor¹. Porém, o uso abusivo e não indicado de medicamentos pode levar a conseqüências graves para a criança. Dados do Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas - Sinitox, referentes ao período de 2003 a 2005, apontam as crianças menores de cinco anos como as maiores vítimas dos casos de intoxicação por medicamentos (31,8%)⁴.

A incerteza quanto à eficácia e segurança de medicamentos utilizados em crianças deve-se, em grande parte, à escassez de ensaios clínicos, limitando o conhecimento sobre os efeitos do medicamento no organismo infantil. Como conseqüência, o uso de medicamentos em crianças é baseado principalmente em extrapolações e adaptações do uso em adultos^{2,5}.

Ainda que escassos em países em desenvolvimento, os estudos de base populacional são necessários para avaliar o uso de medicamentos em crianças. Estudo realizado no Brasil mostra uma prevalência de 56%, o que indica consumo elevado na população infantil, apontando para o uso expressivo daqueles com restrições de indicação e de faixa etária, principalmente para menores de dois anos. Diante do exposto, é recomendável a elaboração de uma lista

específica de medicamentos essenciais segundo as necessidades das crianças, com o objetivo de promover o uso racional².

De acordo com o apresentado, o tema é de extrema importância para conhecimento da população em geral e para os profissionais da área da saúde, a fim de se praticar o uso racional de medicamentos, principalmente em crianças, que, devido às questões farmacocinéticas, estão mais suscetíveis à intoxicação por medicamentos. Desse modo, este artigo tem como objetivo analisar as publicações científicas brasileiras sobre o uso de medicamentos em crianças, sem prescrição médica, a respeito de evidenciar as principais conseqüências desta prática.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma revisão de literatura, de cunho qualitativo. A revisão da literatura cumpre vários propósitos. Compartilha com o leitor os resultados de outros estudos que estão intimamente relacionados àquele que está sendo realizado. Relaciona um estudo ao diálogo maior e contínuo na literatura, preenchendo lacunas e ampliando estudos anteriores⁶. A pesquisa qualitativa é caracterizada por sua grande flexibilidade e adaptabilidade. Baseada na fenomenologia, método da crítica do conhecimento universal das essências, busca elucidar os nexos entre o verdadeiro ser e conhecer. Deste modo, investiga em geral as correlações entre ato, significação e objeto. A pesquisa qualitativa considera cada problema objeto de uma pesquisa específica para a qual são necessários instrumentos e procedimentos específicos⁷.

A busca de artigos ocorreu na base de dados Scielo tendo como palavras-chave: uso de medicamentos; crianças; automedicação. Para a seleção dos artigos, foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: a) estar relacionado com o tema de estudo; b) ser publicado entre os anos de 2000 a 2015. A escolha por este período deu-se devido ao fato de que há uma carência de publicações referentes ao tema, possibilitando a análise de um maior número de trabalhos; c) artigos

disponíveis na íntegra. Quanto aos critérios de exclusão, citam-se: livros, capítulos de livros, anais de congressos e conferências, teses, capítulos de teses, dissertações, relatórios.

No que se refere à seleção de artigos, priorizou-se a leitura dos títulos e resumos dos mesmos, a fim de se verificar se os objetivos dos mesmos contemplavam com os objetivos deste estudo. Consequentemente, os artigos foram analisados segundo os critérios de inclusão e exclusão, resultando em uma amostra de 15 trabalhos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo em vista os propósitos deste estudo, foram encontrados 141 artigos que contemplassem as palavras-chave desta pesquisa na base de dados Scielo. Considerando os critérios de inclusão e exclusão, e após análise minuciosa dos títulos e resumos, foram selecionados 15 artigos que contemplassem os objetivos deste trabalho.

A automedicação consiste na iniciativa de um sujeito ou de seu responsável em usar um medicamento que poderá trazer benefícios no tratamento de doenças ou alívio imediato de seus sintomas, contudo, essa prática pode trazer consequências maléficas significativas para o indivíduo. São diversas as formas em que a automedicação pode ser praticada, dentre elas podemos destacar, a compra de medicamentos sem receita médica, o compartilhamento dos medicamentos com integrantes da família ou do seu círculo social, a reutilização de medicamentos utilizados em tratamentos anteriores e a utilização de receitas antigas³.

Atualmente, o tema da automedicação em crianças tem sido abordado na literatura, mas carecem estudos que ampliem sua análise e permitam demonstrar intervenções efetivas. As motivações para a automedicação em crianças estão muitas vezes relacionadas à busca de alívio de sintomas como resfriado, febre e dor. Estudos têm apontado que as principais classes terapêuticas utilizadas em crianças são anti-inflamatórios não-esteroidais, analgésicos e antibióticos. A

frequência da automedicação em crianças tem se mostrado elevada em vários estudos e é fator preocupante quando parcela importante dessa população não recebe atenção adequada por parte dos serviços de saúde, ficando o cuidado restrito às decisões do cuidador¹.

Aspecto a ser destacado na autoadministração de fármacos em crianças é a utilização abusiva de embalagens atraentes, medicamentos coloridos e adocicados, com sabor de frutas e formatos de bichinhos, colaborando sobremaneira para o aumento das intoxicações acidentais⁸. Além disso, o local de armazenamento dos medicamentos pode ser um fator de risco para o uso de medicamentos por crianças, locais como criados-mudos, gavetas não chaveadas e sobre a mesa, são lugares de fácil acesso para as crianças, que podem consumir os medicamentos sem a permissão de um responsável⁹.

Em um estudo⁸, cujos objetivos foram analisar os fármacos administrados, conhecimentos, motivos e justificativas dos pais e/ou responsáveis em relação à automedicação em crianças, os autores apontam como principais justificativas para a automedicação: estar acostumado à autoadministração de medicamentos; possuir o remédio em casa; aproveitar a receita do irmão mais velho; por orientação do farmacêutico; seguindo uma prescrição anterior do médico e por influência da televisão. Segundo a pesquisa, 30% dos entrevistados fazem uso da automedicação com a justificativa de “já estar acostumado a automedicar”, e 24% relatam que já possuem o remédio em casa. Essas justificativas relatam o desconhecimento dos pais ou responsáveis em relação a efeitos colaterais, posologia e contraindicações dos fármacos administrados, podendo acarretar em doses errôneas, frequência de uso inadequada e consumo de medicamentos impróprios. Resultados semelhantes foram observados em outro trabalho, no qual foi constatado que 63,9% dos entrevistados utilizaram receitas antigas ou sobras de medicamentos³.

Em levantamento¹⁰ realizado com o objetivo de identificar o padrão da utilização de medicamentos em crianças, foi verificado

que 47% dos responsáveis forneciam um medicamento que tinham em casa para as crianças, diante do surgimento da doença ou manifestação clínica; aqueles que adquiriam os medicamentos na farmácia, 55% o faziam por indicação do farmacêutico ou balconista, fatores estes utilizados para justificar o uso de medicamentos sem prescrição em crianças.

Mesmo sabendo que o uso de medicamentos sem prescrição pode acarretar em sérios problemas, principalmente em crianças, as mães são as principais responsáveis por automedicarem seus filhos. Uma pesquisa¹¹ apontou que as mães foram responsáveis por recomendar o tratamento em 79% dos casos, seguido de amigos, vizinhos ou parentes (14%) ou farmacêuticos (4%). Em Pelotas, RS, 56% das mães cujos filhos pertenciam à coorte de 1982 recorreram à automedicação nos quinze dias antecedentes à entrevista¹². Também é evidenciada a responsabilidade, por parte da mãe, em outro estudo¹³, cuja pesquisa sobre a automedicação com crianças apontou uma prevalência de 55,8% de consumo de medicamentos sem prescrição médica nas crianças, por influência das mães.

As motivações para a automedicação em crianças estão muitas vezes relacionadas à busca de alívio de sintomas como resfriado, febre e dor, e as principais classes terapêuticas utilizadas em crianças são anti-inflamatórios não-esteroidais, analgésicos e antibióticos¹. Em pesquisa sobre automedicação em crianças, os resultados mostraram que o medicamento mais utilizado foi o paracetamol (17,1%), seguido da amoxicilina (9,5%) e da dipirona (8,4%)⁵.

Segundo uma investigação¹⁴ com o objetivo de descrever o perfil de uso de medicamentos entre crianças residentes em áreas pobres e fatores associados, notou-se que 26% dos medicamentos utilizados nas crianças estudadas eram inadequados para suas faixas etárias, incluindo antitussígenos, descongestionantes, xaropes iodados, expectorantes e mucolíticos. Sendo administrados em grande parte dos casos, pelas mães, que são as principais responsáveis pelo cuidado medicamentoso exercido nos filhos. Em um estudo² de base populacional

cujo objetivo foi determinar a prevalência do uso de medicamentos em crianças e adolescentes, os autores encontraram que, dentre os medicamentos utilizados na automedicação, prevaleceu o uso de paracetamol, seguido por dipirona e antigripais. Também verificaram que 30,57% dos medicamentos foram indicados pela mãe, e 69,42% de prescrições médicas.

Dados do SINITOX referentes à intoxicação e envenenamento mostram que entre 2000 e 2008 a taxa de intoxicação por medicamentos passou de 15% para 31%, e que um terço destas intoxicações ocorreram entre menores de cinco anos de idade, com uma taxa de letalidade de 7%¹². Em 2007, os medicamentos foram a causa mais frequente de intoxicação no Brasil, com média superior a vinte crianças intoxicadas por dia.¹⁵ Em crianças menores de um ano os medicamentos correspondem a 60% dos casos de intoxicações, sendo o dobro do valor encontrado na população em geral⁴.

As regiões Sul e Sudeste apresentavam juntas, entre 1997 e 1998, cerca de 83,99% dos registros nacionais de intoxicações medicamentosas, devido à grande concentração populacional nestes centros. O Centro de Informações Toxicológicas do Rio Grande do Sul registrou nesse mesmo período 6.355 casos de intoxicações medicamentosas, o que corresponde a 27,41% do total das intoxicações humanas¹⁶.

A administração de medicamentos é resultante de diferentes processos patológicos, porém, o uso dos mesmos sem a prescrição de um profissional habilitado pode provocar diferentes consequências. Quando esse uso afeta a população infantil, as consequências podem ser ainda mais preocupantes, pelo fato do indivíduo em questão ser mais frágil. Estudos sobre o padrão do uso de medicamentos em crianças e adolescentes ainda são escassos, principalmente nos países em desenvolvimento. Do mesmo modo, a prevalência de automedicação em crianças no Brasil é pouco estudada, com uma prevalência entre 7,1 a 53,2% em diferentes faixas etárias¹⁷.

A automedicação é um dos maiores problemas da saúde pública no mundo.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, pelo menos metade dos medicamentos é prescrita ou vendida de forma inadequada, e destes, 50% são consumidos de forma imprópria. Isto é resultado do livre comércio para grande maioria dos medicamentos, do uso abusivo por conta própria, da falta de fiscalização, do incentivo à medicalização por parte dos fabricantes e também do impulso do ser humano em consumir medicamentos¹².

O fácil acesso aos medicamentos torna a prática da automedicação cada vez mais comum, e quando realizada sem o auxílio de um profissional adequado, pode gerar efeitos nocivos para a saúde, mascarar doenças e produzir reações adversas. Portanto, os profissionais da área da saúde devem estar atentos aos riscos da automedicação, propagando a importância do uso racional de medicamentos.

CONCLUSÃO

Ao longo desta revisão, comprovou-se que os casos de intoxicações por medicamentos em crianças são relativamente altos, o que preocupa, uma vez que, além da intoxicação, outras consequências podem surgir, como efeitos adversos dos fármacos, reações de hipersensibilidade, tolerância ao medicamento, mascaramento de patologias, resistência bacteriana, entre outras. Deve-se considerar que os aspectos farmacocinéticos das crianças são fatores que comprometem o uso de fármacos, visto que a utilização de medicamentos nesta população, por vezes, é incerta em relação à eficácia e segurança, devido à limitação de ensaios clínicos.

Contudo, é indispensável a criação de estratégias de promoção da saúde, que tenham como objetivo orientar e educar os cuidadores sobre o uso consciente de medicamentos. Os profissionais da área da saúde são os principais responsáveis por disseminar informações referentes ao consumo de medicamentos, desta forma, o desenvolvimento de intervenções referentes ao uso racional deve ser um tema amplamente difundido para os cuidadores e usuários de medicamentos. Este estudo visa contribuir

com informações acerca do uso de medicamentos em crianças, servindo de alicerce para a construção do conhecimento em saúde.

REFERÊNCIAS

1. Pfaffenbach, G. Automedicação em crianças: um problema de saúde pública. *Revista Paulista de Pediatria*. 2010; 28 (3): 260-261.
2. Cruz MJB, Dourado LFN, Bodevanb EC, Andradea RA, Santos DF. Uso de medicamentos entre crianças de 0-14 anos: estudo de base populacional. *J. Pediatr*. 2014; 90 (6): 608-615.
3. Beckhauser GC, Souza JM, Valgas C, Piovezan AP, Galato D. Utilização de medicamentos na Pediatria: a prática de automedicação em crianças por seus responsáveis. *Revista Paulista de Pediatria*. 2010; 28 (3): 262-268.
4. Lessa MA, Bochner R. Análise das internações hospitalares de crianças menores de um ano relacionadas a intoxicações e efeitos adversos de medicamentos no Brasil. *Revista Brasileira de Epidemiologia*. 2008; 11(4): 660-674.
5. Moraes CG, Mengue SS, Tavares NUL, Dal Pizzol TS. Utilização de medicamentos entre crianças de zero a seis anos: um estudo de base populacional no sul do Brasil. *Ciência e Saúde Coletiva*. 2013; 18 (12): 3585-3593.
6. Creswell JW. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Editora Artmed; 2010.
7. Pereira KR, Miclos PV. Pesquisa quantitativa e qualitativa: a integração do conhecimento científico. *Sau. & Transf. Soc*. 2013; 4 (1): 16-18.
8. Telles Filho PCP, Pereira Júnior AC. Automedicação em crianças de zero a cinco anos: fármacos administrados, conhecimentos, motivos e justificativas. *Escola Anna Nery*. 2013; 17(2): 2013.

9. Tourinho, FSV, Bucarechi F, Stephan C, Cordeiro R. Farmácias domiciliares e sua relação com a automedicação em crianças e adolescentes. *Jornal de Pediatria*. 2008; 84 (5): 416-422.

10. Carvalho DC, Trevisol FS, Menegali BT, Trevisol DJ. Uso de medicamentos em crianças de zero a seis anos matriculadas em creches de Tubarão, Santa Catarina. *Revista Paulista de Pediatria*. 2008; 26 (3): 238-244.

11. Santos DB, Barreto ML, Coelho HLL. Use of prescribed and non-prescribed medications among children living in poor areas in the city of Salvador, Bahia State, Brazil. *Cadernos de Saúde Pública*. 2011; 27(10): 2032-2040.

12. Goulart IC, Cesar JA, Gonzalez-Chica DA, Neumann NA. Automedicação em menores de cinco anos em municípios do Pará e Piauí: prevalência e fatores associados. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*. 2012; 11 (2): 165-172.

13. Medeiros RA, Pereira VG, Medeiros SM. Vigilância em saúde na enfermagem: o caso das medicações sem prescrição em crianças. *Escola Anna Nery*. 2011; 15 (2): 233-237.

14. Santos DB, Barreto ML, Coelho HLL. Utilização de medicamentos e fatores associados entre crianças residentes em áreas pobres. *Revista de Saúde Pública*. 2009; 43 (5): 768-778.

15. Oliveira EA, Bertoldi AD, Domingues MR, Santos IS, Barros AJD. Uso de medicamentos do nascimento aos dois anos: Coorte de Nascimentos de Pelotas, RS, 2004. *Revista de Saúde Pública*. 2010; 44 (4): 591-600.

16. Matos GC, Rozenfeld S, Bortoletto ME. Intoxicações medicamentosas em crianças menores de cinco anos. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*. 2002; 2(2): 167-176.

17. Pereira FSVT, Bucarechi F, Stephan C, Cordeiro R. Automedicação em crianças e

adolescentes. *Jornal de Pediatria*. 2007; 83 (5): 453-458.

Recebido em: 27.08.2015
Aprovado em: 29.01.2016